

**01** Bruno Santos é o DJ Cleymoore nas horas livres. Apesar dos 23 anos, rendeu-se ao vinil  
DORA NOGUEIRA

**02** Nuno Madeira tem 70 LP e comprou o primeiro vinil há dois anos. Montou um gira-discos

**03** Com 34 anos, Sérgio Gonçalves começou a juntar vinis em 1999: tem 4 mil

**04** A colecção de Júlio Marques chega aos 5 mil discos  
FILIFE CASACA

tar de música tão facilmente como no CD, e tudo isso faz com que oijas o álbum todo e aprecies melhor a música”, explica Nuno Madeira. Mas o vinil também requer mais cuidado que os CD, como o operador de câmara aprendeu. “Estava com os copos e cheguei a casa com vontade de ouvir música. O entusiasmo era tanto que ao pôr a agulha no disco risquei-o. Agora está lá aquele clac.” Nuno começou a comprar vinis há dois anos e todas as semanas visita lojas para aumentar a colecção de 70 LP. Até montou sozinho o gira-discos.

Mas há quem faça mais e se dê ao trabalho de passar discos para mp3. Sérgio Gonçalves sai de casa a correr para ir trabalhar e agarra no iPod que está à entrada. A caminho da Central Musical – empresa de multimedia que transmite concertos na internet – ouve de tudo. Mas quem puser os auriculares do seu iPod nos ouvidos é capaz de reclamar: é que os estalidos dos vinis podem ser confundidos com defeito técnico.

Sérgio Gonçalves, de 34 anos, pode pas-

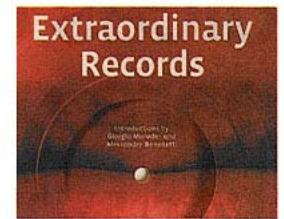
sar oito horas numa loja à procura de raridades como o álbum de Khaliq Al-Rouf, que custou 140 euros. Fica com os dedos sujos, passa fome e chega a sair apressado à procura de uma casa de banho para depois voltar à caça. “Gosto do som quente do vinil e do facto de não ser perfeitinho como o CD. Deixei de ser um purista do som. Ter um crac dá personalidade ao disco.”

Nem sempre foi assim. “Quando surgiu o CD, achei que era a maior maravilha do mundo. O vinil irritava-me.” O regresso ao disco presto aconteceu em 1999, quando trabalhava na EMI e começaram a surgir os promocionais em 12 polegadas para os DJ: “Decidi ser DJ, mais como hobby, e comecei a trazer vinis para casa.” Nunca mais parou: hoje tem 4 mil vinis, organizados alfabeticamente numa sala. É lá que passa as tardes de domingo, a ouvir música.

Também foi assim que Bruno Santos, de 23 anos, estudante de Design, entrou no mundo do vinil. O DJ Cleymoore, como se baptizou, prefere música electrónica e experimental e confessa que entrou nos discos porque há muitas editoras e produtoras que só editam em vinil. Bruno recorda até uma edição especial de Donna Summer que só existe em vinil: “O single ‘Love to love you baby’ numa versão de 16 minutos é óptimo.” O estudante reconhece que a moda do vinil tem tornado o acesso aos discos mais difícil. “Para a minha geração, a do CD, o vinil passou ao lado, mas agora estamos a redescobri-lo. Apesar de ser muito mais caro que um CD normal, vale a pena.”

**Bíblia do vinil**

500 discos em livro



Os vinis mais originais e nos formatos mais inesperados estão reunidos em livro. São cerca de 500 LP do colecionador Alessandro Benedetti e do DJ Peter Bastine. A única regra do livro “Extraordinary Records”, editado pela Taschen, é que não entram álbuns pretos. Quem organizou o livro foi Giorgio Moroder, produtor e compositor italiano que trabalhou com Donna Summer, David Bowie, Janet Jackson, Barbra Streisand, e muitos outros. Custa €33 e aqui ficam três discos do livro.



**LAST KISS SAN JOAQUIN**  
RCA Records  
Fandango  
1978



**SHOOT ME GINO**  
Blow Up  
Valerie Claire  
1985



**JUST BLUE**  
Disques Vogue  
Space  
1978